

C
28461 PT

d'Après
Nuno Gonçalves

11.11.2010
— 04.2011

Contemporâneos de Nuno Gonçalves

Ao revisitar, com a exposição *Primitivos Portugueses (1450-1550)*. O *Século de Nuno Gonçalves*, a grande mostra organizada há sete décadas por Reynaldo dos Santos e dedicada ao mesmo tema – e no mesmo justo local para ela concebido (o pavilhão que Rebelo de Andrade adossaria ao casco centenário do Palácio Alvor) – o Museu Nacional de Arte Antiga não ambicionaria apenas (como de facto fez) promover uma oportuna avaliação crítica do século pictórico que se abre com a actividade documentada do pintor; avaliação assente em novos pressupostos historiográficos, novas tecnologias de análise material e no confronto com obras de propriedade internacional que importava, por uma vez, fazer voltar aos conjuntos que em tempos integraram, ou chamar a capítulo, revendo discursos de há muito encastelados.

De facto, ao debater de novo o tema dos *Primitivos Portugueses*, entenderia o MNA, de igual modo, proclamar uma objectiva contemporaneidade operativa em relação a esse ciclo pictórico, como época maior de um legado artístico em contínua

revisita, como genericamente faz, de resto, em relação ao património que lhe está confiado: desde logo por mobilizar em seu redor uma compreensão *contemporânea* do processo conceptual dessas obras, sublinhada pela opção de centrar a exposição no espesso e medular filão da pintura religiosa e retabular e na vertente discursiva onde cada uma dessas tábuas um dia se integrou (por essa via vincando a importância de uma percepção (con)textual destas pinturas), mas de igual modo uma contemporaneidade (aquela em que nos movemos) que se origina da perpétua actualidade das questões que a sua interpretação convoca.

Uma outra contemporaneidade, todavia, por assim dizer mais operativa, contém essas pinturas e convoca ainda mais directamente a nossa inquietude: a que decorre de estas serem, objectivamente, *arca da aliança*, depósito a um tempo de passado e porvir, onde bebe, por caminhos necessariamente sinuosos, a criação plástica posterior: até aos dias de hoje. Nada, pois, poderia ser mais conveniente à demonstração de semelhante postulado que o projecto

que José Quaresma, na qualidade de curador, viria a propor ao MNA, sob a forma da exposição *D'Après Nuno Gonçalves*, promovida pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa e que se disseminaria de igual modo, em paralelo, pela sua galeria e pelo Museu Nacional de Arte Contemporânea, convocando, como o nome indica, os seus participantes a uma gloza da obra do artista fundador. A uma gloza que só poderia ser contemporânea (nossa).

Nela se reuniria, na mais absoluta liberdade conceptual, um amplo conjunto de artistas, onde se arrolariam nomes consagrados (entre os quais alguns dos que se empenham em formar as novas gerações), a par de jovens que, nessa escola, com cujas raízes se confundem as próprias do MNA, ensaiam os seus primeiros passos, ilustrando um talento que o próximo futuro por certo não deixará de confirmar. Assim, convocados por Nuno Gonçalves a criar *d'après lui*, Jorge Molder, Rui Chafes, Pedro Cabrita Reis, Manuel João Vieira, Manuel Botelho, José Teixeira, Isabel Sabino ou Rui Serra, com as mais jovens Maria Sasseti, Sara Bichão e Ana Rebordão, feririam, ao sabor da sua inspiração ou do desenvolvimento das suas vias pessoais de investigação, as cordas da pintura, escultura, instalação, vídeo ou fotografia, no conjunto fornecendo uma visão caleidoscópica do que podem ser as formas da expressão contemporânea e da riqueza sugestiva do universo pictórico donde todos acordaram em partir.

Tendo por espaço privilegiado a Sala dos Passos Perdidos (adjacente à portaria histórica das Janelas Verdes) e o esplêndido Jardim povoado de estátuas seculares e ele mesmo vestibular na relação do rio

com o velho dorso do Palácio Alvor que se lhe aposta, a exposição promoveria, por esse modo, um tríptico oportuno com a dos *Primitivos*, centrada no políptico fundador e que serviria ao museu de majestosa coroa efémera, ocupando por inteiro o piso alto do *anexo*, afinal a parte contemporânea do Museu e hoje o seu acesso principal: numa oportuna troca de papéis. Mas correria o risco de constituir-se como elemento acessório a esta última (afinal a primeira), declinada aparentemente por áreas secundárias do edifício museal. Ao invés, a colocação em pleno núcleo ontológico dos *Primitivos* da obra *altarpiece*, especialmente concebida por Pedro Cabrita Reis para um diálogo que implicava o confronto *físico* com a obra máxima do pintor tutelar, promoveria, na mera assunção de uma materialidade efémera (só possível no quadro temporal da exposição) uma eficaz intersecção dos dois projectos, a par da mais eloquente demonstração do propósito que a ambos unia: afirmar a perpétua actualidade da obra do Mestre e a essência dinâmica do que chamamos de contemporaneidade.

Entre os coevos da obra fundadora, epistemologicamente agregados pela exposição-mãe na sua baliza cronológica (1450-1550), a presença do grupo convocado pela exposição *D'Après* afirmar-se-ia como um manifesto de crença colectiva nas possibilidades seminais desta pintura, cuja inesgotável riqueza interpretativa a própria mostra original protestaria, nas razões que moveram à sua realização. Nesse sentido, caber-lhe-ia demonstrar pedagogicamente até que ponto todos somos *contemporâneos* do mítico pintor – e como do lastro que se evoca sob a designação

de *Primitivos* igualmente todos, de um modo ou de outro, somos devedores a essa águia maior que a todos precedeu.

Resta ao MNAA agradecer à Faculdade irmã a oportunidade de o tornar visível, em fim de contas a sua missão essencial. E muito em particular a José Quaresma, pelo especial entusiasmo e generosidade de ânimo com que, seleccionando os participantes neste complexo desafio, a todos igualmente mobilizou numa fraternidade solidarizada em atitude afim, que o Museu de igual modo, um por um, reconhecidamente agradece.

António Filipe Pimentel